

11019



DISCURSO

que no conselho de guerra, onde
foi julgado o general
Antonio Pedro de Azevedo,
devia ser proferido

POR

João Felix Pereira



LISBOA

62 — Typ. Rua do Crucifixo — 66

1875

DISCURSO

que no conselho de guerra, onde
foi julgado o general
Antonio Pedro de Azevedo,
devia ser proferido

por

João Felix Pereira



LISBOA

62 — Typ. Nos do Conselho — 06

1815

Podendo o tribunal, segundo a lei, conceder a palavra ao queixoso *para esclarecer a justiça*, o sr. advogado da defesa oppoz-se; mas o tribunal resolveu affirmativamente. Sendo, porém, já tarde, fechou-se a audiência, e fiquei com a palavra para a seguinte. Nesta o tribunal reconsiderou, e não permittiu, que eu falasse. E' por isso que me apresso a publicar a exposição, que eu tencionava então fazer; porque desejo, que o público, que tão interessado se mostrou no julgamento d'esta causa, enchendo a sala dos conselhos de guerra, no Castello de S. Jorge, fique bem informado dos factos, que precedêrão o meo pleito com o general Antonio Pedro de Azevedo, os quaes são, com effeito, de maxima importancia para o público, e mórmente para os paes de familia, que poderão tirar d'elles mui salutaes lições. São esses factos, que vou referir ao público; factos, que muito esclarecerião a justiça na questão sujeita, por si de pouco momento, e em que, para assim dizer, se enxertou este pleito.

Podendo o tribunal, segundo a lei, conceder a palavra ao queixoso para esclarecer a justiça o sr. advogado da defesa oppoz-se; mas o tribunal resolveu afirmativamente. Sendo, porém, já tarde, fechou-se a audiência, e ficou com a palavra para a seguinte. Nesta o tribunal reconheceu, e não permitiu, que eu falasse. E por isso que me apressei a publicar a exposição, que eu tentava então fazer; por que desejo, que o público, que tão interessado se mostrou no julgamento d'esta causa, enchendo a sala dos conselhos de guerra, no Castello de S. Jorge, fôsse bem informado dos factos, que precederão o meu pleito com o general Antonio Pedro de Azavedo, os quaes são, com effeito, de maxima importancia para o público, e momenta para as casas de família, que poderão tirar d'ellas muy salutares lições. São esses factos, que vou referir ao público; factos, que muito esclarecerão a justiça na questão sujeita, por si de pouco momento, e em que, para assim dizer, se enervou este pleito.

Justo, liberto não estava no caso de culpar o alheio, apertado pela vital necessidade. Pois quem recebe do estado 120000 réis mensaes, com pouca família, tanta restrição obrigação de dar, a seus filhos e ao mundo, melhor exemplo de moralidade.

O reo, esse homem honesto, como tão abertamente se appellou e meo illustre advogado e amigo, muito antes de travar relações de amizade comigo, já andava estudando a arte, com que havia de reduzir a fragmentos uma tão vasta tarefa, aconselhando-me a não lançar-me na con-

sternação a outras. O reo andou informando-se do estado de minha fortuna e, com muita especificidade, acerca d'um legado de proximamente 100000 réis fortes, que era o remanescente da herança de meu sogro e minha unica filha. O reo já andava mais abante; dizia a alguns, que eu omittia alguns bens no inventario, tornando assim menor o legado:

Vou falar debaixo da mais dolorosa impressão, impressão produzida pelo rapto d'uma filha querida, e pela presença do homem, que ahí vêdes no banco dos reos, auctor virtual d'este rapto.

Peco ao illustrado tribunal, que desculpe a falta de alinhamento de minha exposição. As atribulações de meo espirito me tem abatido por tal modo, que me sinto sem vigor nem energia, e mal poderei contar a minha triste história.

Vou referir ao tribunal, como as cousas se passarão, de maneira que, o reo, depois de se mostrar meo intimo amigo, me arrebatou minha unica filha, e com ella meo repouso, minha alegria; e nos tribunaes a faz andar ameaçando com a prisão este pobre pae, que não quer entregar-lhe seos haveres, que breve serão esbanjados por esse homem, que ahí está no banco dos reos. Não contarei *ab ovo* a minha desavença com o reo; mas accentuaréi bem o facto primordial d'esta desavença, que foi *ser minha filha possuidora d'alguns contos de reis, e querer o reo apoderar-se d'elles.* Nada ha mais simples, nada mais facil de comprehender; mas tão-bem nada ha mais indigno, mais infame, mais torpe, mórmente quando practicado por um homem da posição social do reo, por um general, que, se não tinha meios de fortuna para opiparos manjares e para deslumbrante

fausto, também não estava no caso de cubiçar o alheio, apertado pela vital necessidade. Pois quem recebia do estado 120,5000 réis mensaes, com pouca familia, tinha restricta obrigação de dar, a seus filhos e ao mundo, melhor exemplo de moralidade.

O reo, esse homem funesto, como tão adequadamente o appellidou o meo illustre advogado e amigo, muito antes de travar relações de amizade comigo, já andava estudando a traça, com que havia de reduzir a fragmentos uma familia inteira, aconselhando mal a uns, lançando na consternação a outros.

O reo andou informando-se do estado de minha fortuna e, com muita especialidade, ácerca d'um legado de proximalmente seis contos de reis fortes, que era o remanescente da terça, deixado por meo sogro á minha unica filha. O reo ia ainda mais adiante; dizia a alguém, que eu omittira alguns bens no inventario, tornando assim menor o legado; mas que a seo tempo lhe daria o remedio. Veja o tribunal de quão longe o reo trazia ordida a teia de seo plano.

Só em 1870 conheci esse homem, que Deus fadou para minha desgraça, para desgraça de minha esposa e de minha tão amada filha. Prouvéra aos ceos, que eu nunca tivesse visto similhante homem. Foi por intervenção de sua filha Tereza, que o reo se fez meo conhecido e se fingiu meo amigo.

Tereza era uma rapariga da mesma idade de minha filha; era de intelligencia aguda e muito idonea para mandataria em uma empresa, como a que seo pae andava estudando. O reo succorreu-se pois a ella, e industriou-a; para que fizesse conhecimento com minha filha. Era facil, em Lisboa, duas meninas da mesma idade, que frequentavão os mesmos passeios, os mesmos bailes, travarem relações. Foi o que succedeu; e dentro de pouco tempo, Tereza e Maria já se conhecião, já erão amigas, já onde uma apparecia, apparecia a outra juntamente. já Tereza vinha passar alguns dias a minha casa com Maria, e já Maria, posto que muito menos vezes, ia, com sua mãe, a casa de Tereza. Estas relações forão ganhando raizes, de sorte que, por último, estava Tereza mais tempo em minha casa do que em casa de seo pae.

O reo e sua filha, mandante e mandatária, querião, fingindo-se muito afeiçoados á minha filha, induzil-a a pedir-me o seo legado, apenas chegasse aos 21 annos de idade, para, em nome de tanta afeição, se apossarem d'elle. Mas bem sabião, que minha filha, que era amicissima de seos paes, a ponto de nunca lhes ter dado, até então, o minimo desgosto, não me pediria o seo legado, para o reo o desfructar. Diligenciãrão, pois, indispor a filha com os paes, e nisto empregãrão toda a sua pericia, que era muita. Sobremodo violentos, como não podião deixar de ser, forão os meios, de que o reo e sua filha lançãrão mão, para malquistarem uma filha tão querida com seos extremosissimos paes.

Em minha casa, Maria era mais do que uma filha estimada, era um idolo, a quem seos paes rendião o mais fervoroso culto, a quem sacrificavão tudo. Em minha casa, a vontade de Maria era lei suprema; mas era sempre a lei da razão: sempre o que minha filha queria, sempre o que mandava, era dictado por um entendimento superior á sua idade e por um coração sensível, como não seria facil encontrar em creatura humana. Nunca minha filha, como eu já disse, me deu o menor desgosto, até ao tempo, em que a familia Azevedo se relacionou comigo.

Não farei aqui, por brevidade, a história de todos os artificios, de que o reo e sua filha usãrão, para me roubarem o amor de quem eu no mundo mais amava. Noutro logar, em que possa dispor de mais tempo, direi de que manhas astuciosissimas o reo e sua filha se servirão para malquistar a melhor das filhas com seo pae. Aqui só direi, que a desordem, que o reo, por intermedio de sua filha, promoveu em minha casa, foi tal, que eu e minha mulher, apezar do amor sem limites, que tributavamos á nossa filha, decidimo-nos a cortar-lhe completamente as relações com tão perniciosa gente; e na noite de 26 de janeiro de 1873, eu mesmo fui ao quarto de Maria, onde estava Tereza, e dei ordem, para que esta saísse, logo logo, de minha casa, para lá não voltar mais. Foi um passo dolorosissimo para mim, para minha mulher, para todos os meos parentes e amigos, que tanto prezavão Maria; mas era forçoso dal-o.

Minha filha declarou-me então, que desejava recolher-se a um convento; e não houve meio nenhum, que pudesse demovel-a de semelhante proposito, nem os conselhos do pae, nem as lagrimas da mãe, nem as supplicas dos parentes e amigos. E no dia 10 de março entrou no recolhimento do Passadico.

A este tempo, estava eu ainda de tão boa fé com o reo, que, depois de lhe expulsar a filha de minha casa, o fui procurar, para lhe explicar o succedido e dar-lhe tal ou qual satisfação do meo procedimento. Encontrei-o perto de sua morada, que era na rua da Procição, n.º 409, 1.º andar. Comecei por lhe dizer, que tinha avisado sua filha para não voltar mais a minha casa; porque eu não gostava da convivencia d'ella com minha filha. O reo, sem querer ouvir mais, simula grande emoção e exclama:

Fez bem. Foi prudente e cauteloso.

Depois voltando-se para uma das janellas de sua habitação, o reo continuou: «Vê-V, aquella janella? Acolá não ha muitos dias estava Tereza com um apito na mão, tendo mandado a criada offender-me de palavras, para que eu lhe batesse, recommendando-lhe, que em tal caso, fizesse grande alarido; que ella apitaria: isto, para que a policia acudisse e me levasse preso! É-me impossivel viver com ella por mais tempo.»

Mostrou-me o reo, em seguida, uma carta, que disse ir dirigir á sua filha, em que a expulsava de casa, por não poder supportal-a mais, e em que lhe dava 15,000 reis mensaes, e a legitima de sua mãe, e os móveis de seo quarto de cama,

Pedi então ao reo, por especialissimo favor, que permitisse, que minha filha lesse ou ouvisse ler tão significativa carta, para que ella repellisse Tereza para sempre.

O reo conformou-se com o meo pedido; e no dia immediato foi a minha casa e leu a carta á minha filha diante de muitas pessoas; as quaes prestarão seo testemunho, se for preciso.

A primeira vista, poderá parecer cousa estranha, que o reo, mandante, em uma empresa d'esta ordem, andasse desacreditando sua filha, mandataria. Mas o estado normal das relações entre estas duas creaturas era a dissidencia, como depois eu soube. Por isso, não ha que estranhar, que,

depois de congraçados, se desaviessem nesta occasião. Foi cousa sabida, que na mesma noite, em que expulsei de minha casa a filha do reo, teve ella grande rixa com seo pae, e passado pouco tempo, já estavam acordes para levarem por diante o seo plano.

O que veio, porém, dissipar todas as nuvens, se é que ainda alguma encapotava o horizonte, em que o reo, mão-communado com sua filha, lidava para intrigar minha filha com seo pae; o que veio demonstrar á saciedade, que o reo tomára a empresa de empolgar o legado de minha filha, e que Tereza, filha do reo, era sagacissimo instrumento do infernal plano de seo pae, foi o procedimento do reo, depois de minha filha se recolher no convento.

Tão exactamente andava o reo informado de todos os meos passos, de tudo o que se fazia em minha casa relativamente á minha filha, que, logo no dia immediato áquelle, em que minha filha entrou no convento, lá appareceu o reo, dizendo á priorêza, quem era, e que tinha uma filha, chamada Tereza, menina, cujos dotes moraes e religiosos erão de subido quilate, e que escolhia este convento para se entregar de todo a Deus. Esta menina, agora tão superiormente dotada, era aquella mesma, que, pouco antes, seo proprio pae expulsava de casa, por não poder aturar a por mais tempo, como dizia na carta, que leu á minha filha.

É certo, porém, que a madre abbadessa, por assim ter contractado comigo, não recebeu Tereza.

Não será possível, por mais que se force a dialectica, conciliar a proibidade do reo com similhante procedimento. As vistas do reo erão, evidentemente, manter as relações de sua filha com minha filha, até que esta chegasse á maioridade, para o que não faltavão senão tres mezes.

A connivencia do pae com a filha, no firme intento de se apossarem do legado, assim que minha filha tivesse vinte e um annos, está para mim provada sem o menor vestigio de dúbida. Quanto á carta, bem podia ser verdadeira, e os dous estarem desacordes naquella occasião, como frequentês vezes estavam; mas tãobem podia ser, sem que as consequencias variem, que a carta andasse na algibeira do reo, não para entregar á filha, mas para, quando viesse a pelo, me ser mostrada, a mim ou a outra pessoa, a fim de se dizer, que não havia complicitade do reo com sua filha.

Durante a estada de minha filha no convento, a filha do reo frequentava assiduamente suas immediações, conversava com os criados do convento e com todas as pessoas, que entravão e saião, e ia á egreja, para que minha filha a visse do coro. Não faltava a um só dos officios divinos, alli celebrados.

Por último, solicitada a regente, o reo conseguiu recolher sua boa filha no mesmo convento; mas como a regente, com a pressa, faltára a certas formalidades legais, como foi, dar entrada á filha do reo, sem o despacho final do provedor, este mandou-a sair, para legalizar a admissão; porém o reo, cuidando, que era para não tornar a entrar, ou talvez entendendo, ser mais conveniente para seus fins, receber minha filha em sua casa, foi á freguezia, onde ella se baptizára, tirou a certidão de idade e lha enviou. Com este documento de que já era maior, minha filha requereu para sair do convento e foi para casa do reo. Minha filha chegára á maioridade a 5 de junho de 1873, e a 7 do mesmo mez e anno hospedou-se em casa do reo.

Dous dias depois de minha filha se hospedar em casa do reo, eu recebi d'ella uma carta, em que me pedia o seo legado e me ameaçava com a justiça, caso lho não entregasse. Esta carta era escripta do punho de minha filha, mas dictada por outrem; porque a carta era toda de algarismos, attinentes ao seo legado; e eu nunca instruíra minha filha em tanta mathematica. É verdade, que a filha do reo costumava dizer, que minha filha tinha os olhos fechados, e que fôra ella quem lhos abrisse. Pode muito bem ser, que as lições, que a filha do reo trazia, todos os dias, de sua casa, enghadas por seo pae, e vinha á minha casa transmittir á minha filha, abrangessem alguma cousa de mathematicas: pois o reo é mathematico e engenheiro. Mas tãobem o que logo se desume d'esta carta (que a seo tempo será publicada na integra) é que, como dissemos no principio, o reo andava bem informado no tocante ao legado de minha filha.

O reo, recebendo minha filha em sua casa, naturalmente havia de idear um motivo, com que se pudesse pôr a coberto da indignação pública, produzida por tão reprehensivel comportamento. A brevidade, que professámos aqui, nos inhibe de expor este motivo; pois o desejaríamos fazer com

os devidos commentarios, que hão de ser publicados pela imprensa.

O reo, ao principio, apresentava-se, com muita frequencia, acompanhando minha filha, nas ruas, nos passeios e nos theatros, para mostrar ao público, que a estimava, como se fosse sua propria filha, e para fazer crer, que era a maldade dos paes, e não cubiça d'elle reo, que fizera minha filha preferir á sua propria casa a casa do reo. Mas o reo enganou-se completamente em seo cálculo. O público, que via minha filha sempre em companhia de sua carinhosa mãe, estranhou primeiro; mas informado do que se passára, indignou-se e, mais d'uma vez, apupou o reo. Receoso de mais seria manifestação pública, o reo deixou de acompanhar minha filha; mas fal-a andar, pelas ruas principaes de Lisboa, pelos passeios, por alguns theatros, na companhia de sua filha, ambas igualmente vestidas, trajando por antigo figurino, e promovendo, assim, em uns, o escarneo, em outros, o dó.

Eu, ao ver minha filha, a quem eduquei com tanto desvelo e tanto recato, d'este modo exposta ás vaias da multidão, passo a vida em continuada amargura.

O reo leva ainda mais longe sua cruieza. Aconselhava minha filha a passar por defronte de minha casa, olhando para as janellas e mostrando-se muito alegre. Sabendo d'isto, a consternada mãe sentava-se da parte de dentro das vidraças e ahí estava longas horas, esperando anciosa, que a filha passasse. D'est'arte, em quanto aquella triste mãe se atormentava por querer ver o ente querido de suas entranhas, o reo lho apresentava por negaça, tornando-lhe ainda mais pungentes os espinhos da saudade.

Foi este um dos motivos, que me obrigarão a ir morar fora da capital.

O reo, ainda requintando em primores de crueldade, induz minha filha a desviar de mim os olhos, quando me avista na rua. Assim se tem dado, nas ruas de Lisboa, a triste scena de uma filha, ainda amada de seo pae, pôr nelle os olhos e desviar-os logo, para não ver o auctor de seos dias, que, apezar de tudo, ainda quer abençoa!-a. A primeira vez que isto succedeu, que foi na rua do Chiado, indo minha filha, como costumava, com a filha do reo, cuidei morrer

de dor, e fóra de mim corria já a abraçar minha filha; mas algumas pessoas de meo conhecimento, que presenciáram este facto, me detiverão, para me não dar em espectáculo á multidão: e tive de me contentar em ir seguindo com os olhos aquella, que, por insinuações perfidas do reo, fugia de seo pae, deixando-lhe o coração dilacerado.

Em quanto estas cousas se passavão, o reo forcejava por apossar-se do legado de minha filha. Foi prestes á Junta do Credito Publico, para, em nome de minha filha, declarar, que, attenta sua maioridade, havia cessado minha administração, e que, portanto, os juros das inscripções, que lá havião de estar averbadas em nome de minha filha, devião, d'então em diante, ser pagos a ella. Mas qual foi o espanto do reo, que se arvorára em gracioso administrador dos bens de minha filha, quando na Junta lhe disserão, não haver lá inscripções nenhuma averbadas em nome de minha filha!

O reo, como hom general, que é, não descorçou com esta derrota, porque pensava, que eu possuia algumas propriedades em Lisboa; e intrepido corre sobre ellas: mas seo espanto cresceu, quando soube, que essas propriedades já me não pertencião.

O reo mostra-se ainda valente neste segundo desastre, porque sabia, que eu tinha algumas propriedades rusticas no concelho dos Olivaes, e quer lançar-se a ellas: mas seo espanto sobe de ponto, ao encontrar essas propriedades hypothecadas á Companhia do Credito Predial.

Tremeu então um pouco a valentia do general, porque já não havia, d'onde tirasse o legado inteiro. Como, porém, sabia, que, nas propriedades do concelho dos Olivaes, havia alguns bens móveis, cereaes, gados, etc., etc., marcha sobre elles: mas nova infelicidade lhe succede: não era já eu o explorador d'essas propriedades; e portanto, a fazenda nellas existente era do respectivo rendeiro.

Não perde ainda o acôrdo o eminente general, e quer arrojar-se finalmente aos trastes da casa, onde móro, cuidando serem meos. A fortuna lhe é ainda adversa. Sou, nessa casa, mero hóspede.

O reo, exasperado por uma serie tão constante de desventuras, perde então o acôrdo, e no auge de seo deses-

pêro, não vacilla em immolar mais uma victima; vae, segundo me constou, denunciar Seita e Sá, que foi o escrivão do inventario, a que se procedeu por morte de meo sogro: e o infeliz escrivão precipita-se d'um 4.º andar do tribunal da Boa Hora, morrendo despedaçado sobre as lages do passeio da Rua Nova do Almada.

Seita e Sá devia ter-me intimado para eu averbar as inscripções de minha filha em nome d'esta. Não procedeu assim, talvez por achar, nesse averbamento, mais inconvenientes do que vantagens para a menor (como os factos, tantos annos depois, vierão demonstrar). Como nisso, porém, commettêra um êrro de officio, e a denuncia do reo lhe fazia perder o pão de cada dia, antes quiz morrer do que ver morrer á fome sua triste familia.

No dia 21 de septembro de 1873, a imprensa periodica noticiava o suicidio de Seita e Sá: e no dia 1 de outubro proximo recebia eu, pelo correio, um numero do Diario Illustrado, em que se fazia o seguinte additamento á noticia, dada já pelos jornaes:

«Tem tomado vulto em Lisboa o boato de que uma das causas que mais contribuíram para o suicidio do infeliz escrivão Seita e Sá, foi de se ter este esquecido de fazer averbar algumas inscripções d'uma menor em nome d'ella, esquecimento de que em breve lhe resultaram serios dissabores, por dar-se a circumstancia do pae d'essa menor se haver recusado ha dias em juizo a entregar o que é de sua filha, chegada hoje á maioridade.»

Conforme me constou, o reo mandára inserir esta noticia e enviára o jornal a minha casa, para sobre mim lançar todo o odioso, para mostrar ao público, que fora eu, por ter averbado em meo nome as inscripções de minha filha, a causa da morte de Seita e Sá.

Costuma ser assim a logica d'esta gente. Um facto, praticado por mim, ha onze annos, e não um facto, perpetrado pelo reo, havia dias, foi a causa do suicidio! Seita e Sá não se teria, de certo, suicidado, se o reo não fosse declarar, que eu averbára as inscripções em meo nome. O reo era capaz de dizer, que o culpado d'um crime, commettido por qualquer filho, é seo pae; porque se o pae não tivesse gerado o filho, o crime não existiria!

O reo, que já devia estar desenganado de que não podia apossar-se do legado de minha filha, e de que eu só entregaria o legado, quando entendesse, que era para minha filha o desfructar, fóra da camaradagem d'elle e sua boa filha; o reo, que já devia saber, que seos actos estavam condemnados pela opinião pública; o reo, não obstante, quiz ainda recorrer aos tribunaes, continuando a excitar a filha contra o pae, continuando a abusar da sua inexperiencia, fazendo-lhe dizer, nos tribunaes, cousas tão repugnantes contra seo desditoso pae, que ella, de certo, não quiz nunca dizer, por mais diligencia que o reo empregasse para degenerar-a. Minha filha ameaçava-me com a prisão! O reo, dizendo nos tribunaes, que eu furtava o legado á minha filha, não se lembrava, que não ha acção criminal por furto, entre ascendentes e descendentes.

A reluctante causa d'uma filha contra seo pae, impellido pelo reo, progrediu, até que o reo, de todo desilludido por este lado, desistiu, sem comtudo desistir de seo plano. Agora anda tractando de vender a causa, para assim se indemnizar das despesas, que tem feito. E custa-me, por via insuspeita, que o reo, continuando ainda a abusar da inexperiencia de minha filha, fez, que ella lhe assignasse um escripto de dívida.

O reo fez mais. Comprou uma máchina de costura e com ella presenteou minha filha, como quem diz: «Trabalha, se queres comer.» Minha desgraçada filha, sem ainda se desenganar do logro, acceita o artificioso brinde, e se põe a trabalhar até altas horas da noite, arriscando-se a arruinar sua debil saude, para servir estranhos, ella, que, em casa de seo pae, tinha criada especial para servir-a a todas as horas e em tudo. E não se lembrará minha desventurada filha de quando, a essas mesmas horas da noite, em que trabalhava agora para se sustentar, sua mãe extremosissima lhe velava o somno, esperando que acordasse, para lhe offerecer algum alimento mais do seo appetite, por ter reparado, que ella não tomára sufficiente alimentação durante o dia!

Em quanto o reo andou excitando a filha contra o pae nos tribunaes, não faltarão diligencias e esforços de toda a casta, para attrahirem a filha á casa paterna, onde deixára um vacuo, impossivel de encher. Todas essas diligencias,

todos esses esforços, de que, mais de espaço, falaremos noutra escripto, erão burlados em seos effeitos pelos artificios do reo e de sua filha.

Aqui só apresentaremos, e sem commentarios, uma carta, que minha mulher escreveu á nossa filha, no dia de seos annos, e que teve o mesmo exito:

«Minha querida filha. Para veres, que nunca me esqueço de ti, remetto-te hoje 5 de junho, este pequenino anel, que contém as tres virtudes, fé, esperança e caridade. Tenho fé em Deos, que tu reconhecerás, um dia, que teos maiores amigos são teos paes. Tenho esperança, que cedo voltarás para os braços de tua mãe. Deixa-me ter essa esperança. Caridade, já tu a deves ter comigo, por tanto que tenho soffrido e por tantas lagrimas, que tenho chorado. Adeus minha filha, até que tu queiras, que acabe o meo soffrimento. Tua mãe, que, apezar de tudo, é tua verdadeira amiga. *Carolina.*

Eu, no meio de tão acerbos desgostos, causados pela separação de minha cara filha, quero-lhe ainda tanto, que, quando a vejo na rua (e não tenho outro modo de a ver), a despeito de ella, por conselho do reo, afastar de mim os olhos, a vou seguindo, por longo espaço, a certa distancia. Minha saudade experimenta, d'este modo, algum allivio.

Ora é, precisamente, este facto de um pae afflicto, saudoso de sua filha roubada pelo reo, que esse mesmo reo; com sua consciencia a accusal-o, considera como um attentado contra a sua honra e contra a sua vida. Sou, pois, um malfetor, na linguagem do reo. Pois na minha linguagem, o reo é um sancto, um homem puro, purissimo de intenções, um bemfeitor de minha filha e de mim. Pois não lhe deu o reo, gratuitamente, uma máchina de costura, com o sancto fim de lhe completar, por meio do trabalho, a educação? Pois o reo, que já tinha quatro filhos para sustentar, não se incumbiu de sustentar, gratuitamente, mais uma pobrezinha? Pois não é o reo tão desvelado patrono de minha filha, que chega a desfalcar-se em seos haveres, para, gratuitamente, lhe sustentar as demandas?

E digão lá, que o reo não é, como affirmou seo illustre advogado, *um homem de exemplar comportamento!!* Eu direi mais, é um homem caridoso por extremo.

Todavia, essa grande alma, ataviada de tantas virtudes, tem um defeito, mas um só, que é desconhecer o que seja amor de pae. O reo, que está mais tempo desavindo com sua propria filha, do que avindo, não pode, de certo, comprehender o que seja aquelle fino amor de pae, que obriga aos maiores sacrificios. Por isso, não admira, que o reo, ao ver-me seguir na rua minha filha, me não comprehenda e me tome por um malfeitor, e vá queixar-se de mim ao chefe da policia.

E' esta queixa a base do julgamento, a que está procedendo este esclarecido tribunal.

Nada mais tenho que dizer aqui. Pela imprensa farei muito mais ampla exposição, bem como se publicará um extracto d'esta audiencia.

FIM.